

PRÁTICAS GRUPAIS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: RELAÇÕES DE GÊNERO E CUIDADO EM UM TERRITÓRIO PERIFÉRICO DE SÃO LEOPOLDO/RS¹

Sabrina Feiber da Silva²
Laura Cecilia López³

O presente trabalho é um recorte da pesquisa guarda-chuva intitulada “Equidade de gênero e políticas do cuidado em contexto de pandemia: pesquisa-ação em territórios da cidade de São Leopoldo”. Essa pesquisa tem como objetivo focar nas desigualdades de gênero da região e os desdobramentos no cenário da pandemia, pautando a relação entre gênero e cuidado, na dimensão comunitária e na articulação com políticas públicas. O estudo busca diagnosticar como a iniquidade de gênero se processa em um território específico impactado por desigualdades e violências estruturais, para pensar possibilidades de redes comunitárias de cuidado operantes durante a pandemia, mas que promovam a equidade de gênero para além desta situação emergencial. A nossa porta de entrada ao território escolhido foi a APS do SUS, através das experiências localizadas de trabalhadoras/es exercendo o cuidado mais disseminado da rede de atenção à saúde.

Neste recorte, propomos conhecer e analisar como os grupos de convivência (que aqui chamaremos também de práticas grupais) ofertados na APS, interferem na vida daquelas pessoas que deles participam. Buscamos ver como as/os usuárias/os se relacionam com diferentes formas de

1 Este trabalho fez parte do projeto de pesquisa “Equidade de gênero e políticas do cuidado em contexto de pandemia: pesquisa-ação em territórios da cidade de São Leopoldo/RS”, financiado pelo Edital Universal CNPq/MCTI/FNDCT N° 18/2021 e pelo Programa Pesquisador Gaúcho Fapergs (Edital 07/2021). A primeira autora contou com Bolsa de Iniciação Científica CNPq para sua realização.

2 Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

3 Antropóloga, professora e pesquisadora na área de Saúde Coletiva. Mestra e doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-doutora pela Faculdade Nacional de Saúde Pública (Universidad de Antioquia – Colômbia). Professora dos PPGs em Saúde Coletiva e em Ciências Sociais da Unisinos. Líder do LabIES.

cuidado, tanto em seu ambiente doméstico quanto em demais ambientes do bairro em que moram. Esse recorte de pesquisa teve como campo a Unidade Básica de Saúde (UBS) Cohab Feitoria, no bairro Feitoria, no município de São Leopoldo/RS.

As práticas grupais na AB do Brasil fazem parte das atribuições das equipes de Saúde da Família (eSF), sendo alternativas para as práticas assistenciais individuais, por fomentar a participação e engajamento de usuários e potencializar o conceito de saúde integral (Brasil, 2012). Normalmente esses grupos são administrados por Agentes Comunitários de Saúde (ACS), principalmente se forem grupos mais instrutivos ou de temas extramuros. Dias, Silveira e Witt (2009) afirmam que os objetivos dos grupos devem ser construídos de forma participativa e que alguns desses objetivos podem ser oferecer suporte, realizar atividades, socializar, melhorar o autocuidado ou ainda, oferecer psicoterapia (neste último caso é necessária a presença de um profissional da Saúde Mental). Osório (2003) define “grupo” como “todo aquele conjunto de pessoas capazes de se reconhecerem em sua singularidade e que estão exercendo uma ação interativa com objetivos compartilhados”. As práticas grupais na Atenção Básica variam de acordo com a necessidade de cada comunidade, cabe aos profissionais das equipes de Saúde da Família, escutarem as demandas que chegam até eles e discutirem se essas demandas poderão vir a se tornar um projeto ou se elas vão gerar algum tipo de intervenção na comunidade.

O conceito orientador desta pesquisa, assim como da pesquisa guarda-chuva é o conceito de cuidado. O cuidado vem sendo discutido em diversos âmbitos nos últimos tempos, ele deixou de ser pensado como somente algo relacionado à enfermagem e à medicina e começou a ser pensado em outras áreas de conhecimento. Dentre as tantas definições dessa palavra, o dicionário Oxford, em uma delas, diz que cuidado significa “que foi ou é objeto de tratamento especial, zelo, bom trato; tratado”. Gaut (1983 *apud* Waldow, 1992, p. 30) diz que a palavra “cuidado” (em inglês “care”) vem do inglês antigo “carion” e das palavras góticas “kara” ou “karon”. Sendo usada como substantivo, “cuidado” deriva-se de kara, que significa aflição, pesar ou tristeza. Usada como verbo, “cuidar” (de carion) significa “ter preocupação por”, ou “sentir uma inclinação ou preferência” ou “respeitar/considerar”. Torralba Roselló (2009) diz que o termo cuidar é polissêmico, tem diferentes significados.

As Ciências Sociais vêm abordando o cuidado em várias escalas, desde a interpessoal até a dimensão social do cuidado, em que se problematiza a sua organização e distribuição na sociedade. Estudos feministas problematizam as relações de trabalho no âmbito do cuidado, e as divisões

e desigualdades ao considerar o gênero na distinção entre trabalho produtivo e trabalho doméstico (Sorj, 2021). Pode-se considerar que:

A definição do trabalho de cuidado como uma prática que envolve afetos, emoções e responsabilidade para com o outro ensejou sua distinção das outras tarefas domésticas, apesar de as fronteiras entre eles serem bastante porosas. Além disso, o crescimento exponencial da mercantilização do cuidado em domicílios e em instituições de longa permanência, sobretudo nos países do norte global, e as variadas formas institucionais que assume, fizeram do cuidado um campo de estudos específico (Sorj, 2021, p. 1090).

O cuidado é questionado pelos estudos feministas latino-americanos a partir da organização social e das profundas iniquidades no cenário regional em relação a como o trabalho de cuidado (seja ele formal ou informal; vinculado à manutenção da vida familiar, comunitária e/ou social) se distribui por gênero, considerando que as mulheres acumulam essas várias atividades (Nieves-Rico; Robles, 2016). Numa escala macrosocial, é proposto o conceito de “economia do cuidado” (Esquivel, 2011), que oferece um olhar integral para a proteção social, tornando visíveis as situações nas quais as políticas naturalizam o cuidado não-remunerado fornecido pelas famílias para a manutenção da vida. Além de visibilizar esta naturalização do trabalho do cuidado pelo Estado, para Esquivel (2011), a potencialidade da economia dos cuidados está em “instalar o cuidado como um problema de política pública, tirando-o do terreno do privado e [...] o desnaturalizando como próprio de mulheres ou de casas” (Esquivel, 2011, p. 11, tradução nossa). Guimarães e Hirata (2020), nas suas pesquisas de longa data sobre gênero e o trabalho de cuidado, identificaram três circuitos de cuidado: o primeiro seria definido em torno ao trabalho doméstico não remunerado visto como “obrigação”, relacionado ao afeto e a responsabilidade familiar; o segundo seria o cuidado como “profissão”, que implica em uma mercantilização e que é marcada uma distinção com o trabalho doméstico remunerado; e o terceiro, o circuito das “ajudas”, que remete à reciprocidade da vida comunitária entre a população empobrecida de países com desigualdades sociais marcantes como é o Brasil. Contatore, Malfitano e Barros (2019) dizem que

Se a qualidade da interação social entre sujeitos, no âmbito das redes sociais comunitárias ou relações profissionais especializadas, interfere fortemente nos efeitos da atenção à saúde, não se pode falar de cuidado sem no mínimo falar de democracia, justiça social, solidariedade, política social, capacidade de acesso aos bens sociais e dos tensionamentos e restrições produzidas pelos fatores econômicos (Contatore; Malfitano; Barros, 2019, p. 18).

Quando fui apresentada às práticas grupais no início de minha inserção no campo, fiquei imediatamente intrigada com a dimensão que essas práticas tomaram. Existem duas práticas grupais na UBS Cohab Feitoria, uma é o grupo de caminhada e a outra é o grupo de artesanato. O grupo de caminhada conta com encontros semanais onde há a presença de pelo menos dez pessoas (o grupo já teve a participação de mais de trinta pessoas), este é um grupo de promoção e manutenção da saúde, onde os participantes, juntamente com uma profissional da fisioterapia e alguns ACS, saem para fazer caminhada pelas ruas do bairro. O grupo de artesanato conta com encontros quinzenais e tem também aproximadamente dez participantes por encontro, podendo variar, neste grupo as ACS ensinam técnicas de artesanato para que os usuários possam aprender e se desejarem, podem complementar suas rendas utilizando o conhecimento adquirido. O grupo de caminhada tem a presença majoritária de mulheres tendo apenas um participante homem, enquanto o grupo de artesanato é composto somente por mulheres. O enfoque deste trabalho, em seu início, era entrevistar participantes dos dois grupos, porém, o grupo de artesanato tem uma interação maior e é mais receptivo, então a pesquisa foi mais direcionada para ele.

Chamou a nossa atenção que esses grupos são preponderantemente frequentados por mulheres, fato relacionado com a maior participação e vinculação feminina aos espaços de cuidado com a saúde, principalmente na AB. Também notamos que muitas dessas mulheres são negras. Cabe ressaltar que o bairro Feitoria tem uma presença marcante de população negra, devido a sua história vinculada à escravidão, com presença de africanos escravizados trazidos na região para trabalhar na Feitoria do Linho Cânhamo, e posteriormente, a presença maciça da população negra nas periferias urbanas, produto do racismo estrutural. Nesse sentido, pode-se destacar que grande parte das usuárias da UBS são negras, assim como das agentes comunitárias de saúde, contrastando com as outras trabalhadoras e trabalhadores da saúde, majoritariamente brancos.

Nesse sentido, analiso experiências e narrativas de mulheres negras que participam do grupo de artesanato considerando uma abordagem relacional de gênero, apontada por Raewyn Connell (2014). Adoto uma definição de gênero como estrutura de relações sociais constituída historicamente, que articula a construção de feminilidades e masculinidades com outras dimensões sociais, como raça, classe, sexualidade etc. (Connell, 2014).

Cabe mencionar que a escrita deste trabalho foi pensada como um artigo científico, para ficar mais sucinto e didático. Ele está estruturado da seguinte maneira. Introdução (na qual consta a contextualização e a problemática de pesquisa, assim como a revisão teórica), Método, um capítulo analítico e as considerações finais.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica, onde a produção de dados foi feita através de trabalho de campo e utilizou-se a observação participante, bem como entrevistas semiestruturadas e produção de imagens do local. É importante ressaltar que a ida a campo não foi de forma individual e sim coletiva, pois pude contar com a presença de minha orientadora e/ou de colegas do grupo de pesquisa. Esta pesquisa de campo foi feita ao longo do ano de 2022, porém, as entrevistas realizadas para esta pesquisa foram feitas no período de agosto a novembro de 2022. Essa etapa do campo de pesquisa teve como centro a UBS Cohab Feitoria, que está localizada no bairro Feitoria no município de São Leopoldo-RS. A UBS, que em 2022 completou seus treze anos, conta com uma estrutura física grande, possuindo dez salas, distribuídas entre consultórios médicos, consultórios ginecológicos, ambulatório/sala de vacinação e consultórios odontológicos. Ela possui ainda um anexo onde há mais um consultório ginecológico, um consultório médico, um banheiro e uma sala de reuniões onde são realizadas as atividades do grupo de artesanato e demais atividades das eSF que precisam de um local maior. A UBS Cohab Feitoria é uma unidade escola, onde diversos estudantes de cursos da área da saúde e das residências multiprofissionais fazem seus estágios e suas pesquisas, por isso ela é uma unidade bem completa, ela conta com profissionais de diversas áreas da saúde.

A revisão teórica feita para esse trabalho consistiu, para além das leituras indicadas pelo grupo de pesquisa, em buscas em repositórios digitais por artigos e livros relacionados ao tema, à área e aos conceitos que utilizei neste artigo. A busca foi feita com as palavras “grupos de convivência”, “práticas grupais”, “saúde da família”, “SUS”, “atenção básica” e “cuidado”. Foram encontrados diversos textos dos mais diferentes temas e áreas, precisei verificar texto por texto para selecionar aqueles que poderiam ser úteis nesta pesquisa. Selecionei textos relacionados mais especificamente aos grupos da atenção básica e ao cuidado de maneira geral, também realizei leituras envolvendo o tema gênero, violência contra a mulher, redes de cuidado e alguns autores clássicos do pensamento social. Todas as leituras feitas me auxiliaram a entender um pouco melhor cada um desses conceitos, acabei não utilizando todas na escrita deste trabalho, mas cada uma delas foi relevante.

Sobre a pesquisa guarda-chuva, trata-se de uma pesquisa-ação, na medida em que a participação dos sujeitos afetados pela situação-problema acompanha o desenho de investigação. O estudo integra diferentes métodos e técnicas com uma dimensão participativa, tendo como meta

uma proposta de intervenção comprometida com a equidade de gênero. Durante o segundo semestre do ano de 2020, foram realizadas reuniões online com a equipe de pesquisa formada por: professoras e discentes do PPG em Ciências Sociais e em Saúde Coletiva da Unisinos, e membros de duas organizações da sociedade civil da cidade de São Leopoldo, no caso, o coletivo Ponto Gênero e o CECA – Centro Ecumênico de Evangelização Capacitação e Assessoria (através da figura das Promotoras Legais Populares). Definiu-se como território de realização da pesquisa, o bairro Feitoria, com o critério mais relevante da existência e presença marcante de mobilizações coletivas e associações comunitárias, no sentido de facilitar a articulação de redes para realização do estudo, sendo também o bairro mais populoso da cidade de São Leopoldo. A partir dessa delimitação, a equipe começou a etapa de mapear lideranças e equipamentos de saúde no território. A equipe chegou até a UBS COHAB-Feitoria através de profissionais vinculados à Residência Multiprofissional em Atenção Básica da Unisinos. Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Unisinos em julho de 2021, foi realizada uma etapa de entrevistas online e presenciais com lideranças comunitárias, agentes comunitários de saúde e outros trabalhadores da rede de saúde no bairro, para mapear o território, em termos de quais equipamentos públicos e privados, redes de serviços, organizações da sociedade civil, espaços de lazer, espaços religiosos, etc., estão presentes no bairro; assim como quais são os espaços formais e informais de participação da comunidade e quem participa. Cabe mencionar que minha integração na equipe se deu em março de 2022, e acompanhei durante esse ano o campo na UBS, como foi ressaltado.

Especificamente, para fins da elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, acompanhamos diversos encontros do grupo de artesanato e do grupo de caminhada, assim como o festejo de treze anos da UBS, e entrevistamos duas participantes do grupo que se destacaram por sua presença constante e engajamento não só no grupo, mas no seu vínculo com a UBS. Conversamos de maneira mais pontual com a Agente Comunitária de Saúde que organiza o grupo.

Experiências de vida e cuidado que se entrelaçam no grupo de artesanato

Analisamos os relatos de vida e experiências de cuidado que se entrelaçam no grupo de artesanato. Usamos a palavra entrelaçar para pensar o grupo, mas poderia ser tecer, costurar existências e experiências para criar algo novo. Divido o capítulo em dois subitens, um vinculado à experiência

de vida de Joana, por ter sido a entrevista mais profunda e impactante, e outro vinculado à experiência do grupo.

Costurando a história de Joana

Costurar é uma palavra que nos inspira neste momento, já que a entrevista de Joana nos proporcionou vários retalhos da sua vida, que preciso agora compor neste texto final, e assim relacionar sua experiência com o cuidado e com a participação ativa dela nas práticas grupais e demais eventos da UBS COHAB Feitoria.

Conheci Joana em nossa primeira inserção nos grupos ofertados na UBS, que foi no grupo de caminhada do dia 25 de maio de 2022, neste dia fui acompanhada dos colegas Cauê e Natália, havíamos ido entrevistar outra usuária da UBS para que o relato dela fosse utilizado tanto na dissertação de Cauê quando no trabalho de Natália. Neste dia não conversei muito com Joana, mas pude notar que ela era bem comunicativa e animada, sempre conversando e rindo. Encontrei novamente com ela na nossa primeira inserção no grupo de artesanato da UBS, neste dia durante as conversas do grupo, a professora Laura notou que Joana queria compartilhar sua história, ela fazia comentários e contava um pouco sobre as situações que viveu. Também a encontramos na celebração dos treze anos da UBS, no dia 20 de julho durante a tarde. Foi uma festa julina com o estilo das festas juninas, na comida, músicas e decoração. As lembrancinhas eram fogueiras de EVA, confeccionadas pelo grupo de artesanato. Havia a presença de bastantes usuárias e usuários e também muitas crianças (elas brincavam em um tobogã inflável que tinha sido emprestado por uma das Agentes Comunitárias de Saúde). Lá estava Joana com uma criança, neta do seu atual companheiro. Ela estava muito animada, chamando as pessoas para dançar em roda, de uma maneira bastante lúdica. Até numa hora sugeriu que pudesse ter oficina de dança na UBS. Era notório o vínculo dela com as e os trabalhadores da unidade. Conforme nos falaram os próprios trabalhadores, ela é usuária de vários serviços na UBS, e participa dos dois grupos. Ela comentou que adora estar lá, que se sente feliz.

Entrevistamos ela no dia 30 de agosto de 2022, após o grupo de caminhada. Para orientar a conversa criamos um roteiro com perguntas abertas e fomos fazendo demais perguntas conforme a conversa fluía. De início pedi para ela se apresentar, ela fala seu nome e sua idade (com certa dificuldade em saber a idade, pois ela é semianalfabeta). Ela é uma mulher negra, de 43 anos e tem dois filhos já adultos. Pergunto há quanto tempo ela mora no bairro e ela diz que não sabe direito, mas que faz pouco tempo,

ela diz que mora com o companheiro e que é dona de casa. Isso foi só um início de conversa, quando peço para ela falar como era a vida dela onde ela morava antes, ela conta então que já morou em outros bairros da cidade de São Leopoldo, como também já morou na cidade vizinha, Novo Hamburgo, e que já teve dois companheiros de longa data, antes do companheiro com quem está agora, e com esses dois companheiros ela sofreu diversos abusos e violências. E isso é um ponto central de sua história.

Mas, antes de contar essa história, quero trazer alguns dados que vão nos ajudar a contextualizar melhor essa situação. Segundo a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos no primeiro semestre de 2022 foram registradas 31.398 denúncias e 169.676 violações envolvendo a violência doméstica contra as mulheres. Segundo uma pesquisa do DataSenado de 2017, 71% das entrevistadas relataram conhecer alguma mulher que já sofreu violência doméstica. Necchi (2018, p. 60) diz que a violência contra mulheres é um fenômeno histórico, social e complexo, que tem raízes profundas na estrutura patriarcal da nossa sociedade, mas está presente em todas as sociedades. Apesar de termos no Brasil a Lei Maria da Penha (Lei 11.4340/2006), os números relacionados à violência contra a mulher ainda são assustadores, essa violência está enraizada em nossa sociedade há muito tempo, e apesar do progresso que tivemos por causa da lei, a violência (de forma geral) vem sendo legitimada nos últimos tempos por figuras públicas da política brasileira. Joana foi uma vítima de violência de gênero, por dois companheiros diferentes. Reconstituímos na conversa dela, que utilizou da Lei Maria da Penha para denunciar algumas das ocorrências que deixaram ela e os seus filhos em risco de vida.

Quando pedi para Joana descrever como era onde ela morava antes, ela falou sobre os dois companheiros que teve, um deles foi seu ex-marido, pai de seus filhos, e o outro foi um namorado de longa data.

Onde eu morava não era bom... Era em outra cidade. Já morei na Campina, já morei em Canudos, e as pessoas que eu arrumava me judiavam muito, sabe? Apanhava que nem boi e ladrão. Sabe esses boi e ladrão? Apanhava, apanhava na cabeça, não conseguia nem pentear meu cabelo. Eu trabalhava num mercado e não conseguia nem pentear o meu cabelo. E daí é tudo isso aí. Só que cada pessoa que eu arrumava me judiava...

Ela relata que o seu ex-marido além das agressões e abusos sexuais, seguia ela para diversos lugares, e que tentou assassiná-la. Já o segundo companheiro, ameaçou assassinar os filhos dela.

E eu apanhava, apanhava, e apanhava bastante, um dia ele pegou uma faca pra tentar me matar, me queimou aqui com o cigarro (aponta para uma mancha redonda no rosto), graças a Deus que ele já morreu. O outro não, o outro ameaçou os meus filhos de morte e eu dei no pé. [...] Com o pai dos meus filhos, eu dei no pé também, ele tentou me matar. Daí eu larguei os guris num lar porque não tinha como deixar eles na rua comigo.

Ela relata também que participava de um grupo de apoio para vítimas de violência e que mesmo estando nesse local de cuidado, ela não se sentia segura, pois seu ex-marido a seguia para todos os lugares: “Um grupo de mulheres que apoia gente que apanha. Só que eu ‘tava’ lá e eu não me sentia segura, porque o pai dos meus filhos aonde eu ia ele ia atrás, e aquilo ali me dava medo”.

Joana relata em diversos momentos da entrevista que não consegue esquecer tudo que passou, apesar de atualmente estar em um relacionamento saudável, onde ela é muito bem tratada e mimada, ela diz que tem vezes que tudo o que passou vem à tona, pois ela presencia brigas e discussões de um casal de vizinhos quase que diariamente, então precisa sair de casa para se sentir um pouco melhor.

Segundo Hirigoyen (2006, p. 109) “As mulheres vítimas de violência no casal, como toda e qualquer pessoa exposta de maneira repetida a traumas, podem ainda apresentar, muito tempo depois da separação, perturbações de estresse pós-traumático”. Necchi (2018, p. 60) diz que “a violência tem um impacto emocional muito grande na vida das mulheres, pois afeta sua autoestima, a percepção de sua própria identidade, os desejos e as necessidades”.

Saffioti (2015), parafraseando Mathieu (1985) diz que “a cumplicidade exige consentimento e este só pode ocorrer numa relação par, nunca díspar, como é o caso da relação de gênero sob o regime patriarcal (Mathieu, 1985). O consentimento exige que ambas as partes desfrutem do mesmo poder.” (Saffioti, 2015, p.127).

Podemos entender aqui, cumplicidade como casamento, e o poder pode ser tanto o poder perante os filhos quanto o poder durante o ato sexual, o sexo exige consentimento, se não há consentimento não é sexo e sim estupro. Joana relata que seu ex-marido a estuprava constantemente e que mesmo ela negando ter sexo, ele a obrigava, e a agredia durante o ato, ao relatar essa situação na entrevista, ela chora.

Sigo a entrevista e pergunto à Joana se as práticas grupais que ela participa, e demais atividades da UBS (onde ela sempre se faz presente),

ajudam a não pensar tanto nestes problemas. Ela diz que “Sim, ajudam, não esqueço, mas não penso direto né. [...] Claro que pra mim esquecer em casa, eu ouço uma música, ouço um Amado Batista, ouço uns louvor. [...] A caminhada tá fazendo bem, nem dor nas pernas eu tenho mais”. Ela sobreviveu a dois relacionamentos abusivos onde ela foi agredida, abusada e perseguida diversas vezes. Nos dois relacionamentos ela conseguiu fugir, pois foi quando os companheiros se tornaram ainda mais agressivos.

Hirigoyen (2006) diz que na maioria das vezes, quando as mulheres tomam a decisão de partir é porque o seu companheiro ficou mais violento fisicamente. Harriet Martineau, em seu livro “Sociedade na América” de 1839, já questionava, “O que uma mulher pode ser ou fazer sem coragem?”. É preciso coragem para sair de um relacionamento abusivo, é preciso ter confiança em si própria e em suas decisões, ainda mais quando se tem filhos neste tipo de relação, mas Joana foi corajosa, conseguiu sair das situações abusivas em que se encontrava. Ela é uma sobrevivente da violência de gênero, da “violência no casal” (Hirigoyen, 2006), que apesar de estar em uma situação onde ela já não é mais vítima, estar em um relacionamento saudável e fazer o uso de medicamentos para sua saúde mental, ainda sofre psicologicamente por tudo o que passou.

Joana participou de alguns grupos quando ainda estava nesses relacionamentos, grupos de apoio, mas agora que ela já saiu desta situação e já superou em parte esse trauma, não há um lugar onde ela possa lidar com essas questões. Por mais que as práticas grupais da UBS a ajudem muito, já que ela está em um espaço de cuidado, de sociabilidade, onde ela convive com outras mulheres, realiza trabalhos manuais e se diverte, é difícil para ela esquecer.

As práticas grupais da UBS desempenham um papel muito importante na vida desta mulher, e a auxiliam de diversas formas, mas não é exatamente o que ela precisa, seria necessário ter um espaço seguro com profissionais qualificados para lidar com essas questões, onde ela possa compartilhar sua história com quem passou por questões similares, e possa tratar, superar e viver com esse trauma sem que ele continue afetando sua vida.

“Amo inventar artesanato, amo estar na volta do artesanato”: a tecitura do grupo

Para entender melhor como surgiu o grupo, além de acompanhar e participar dos encontros, ouvir histórias das participantes, houve uma troca de mensagens de áudio com a ACS responsável pelo grupo, que aqui

chamaremos pelo nome Márcia. A ideia inicial era realizar uma entrevista presencial completa com ela, mais elaborada e mais longa, porém, como os nossos horários não batiam e nos encontros do grupo não havia tempo para que pudéssemos conversar separadamente das demais participantes, a troca de mensagens foi a alternativa mais viável para nos comunicarmos. Fiz algumas perguntas simples para ela, para entender como surgiu o grupo e como ele vem se desenvolvendo. As perguntas foram: “Teu nome, idade e quanto tempo trabalha na UBS; Como surgiu o grupo de artesanato? Foi ideia sua?; Que ano surgiu o grupo?; Como era antes da pandemia?; Alguma das participantes já te deu retorno sobre fazer os artesanatos que aprenderam no grupo pra vender?; Notou se as mulheres que participam do grupo são bem unidas ou se criaram amizade?”. Fui fazendo cada uma dessas perguntas na medida em que ela me respondia à pergunta anterior. As mensagens foram trocadas entre os dias 31 de outubro e o dia 2 de novembro de 2022.

Primeiro pedi para ela se apresentar, ela tem 38 anos, um filho, é casada, e trabalha como ACS na UBS COHAB Feitoria há onze anos. Pedi para ela me contar como surgiu a ideia do grupo, se foi uma ideia que partiu dela ou da comunidade, ela diz que o grupo surgiu de uma ideia dela e de sua irmã que também era Agente Comunitária de Saúde, as duas são artesãs e conhecem diversas técnicas de artesanato, como agentes de saúde, elas andam pelo bairro e conversam com os usuários do SUS, e conversando com algumas usuárias notaram que elas também gostavam de artesanato, então tiveram a ideia do grupo e convidaram essas usuárias, o ano de início ela não consegue se recordar com certeza, mas disse que foi em 2018 ou 2019. No primeiro encontro já tiveram treze participantes. Perguntei também como era antes da pandemia, já que entre 2020 e 2022 o grupo não pôde ser retomado, retornaram em meados de maio de 2022.

Antes da pandemia o grupo era bem grande, unido, bem fortalecido...bastante. A gente tinha até feito já atividades, tinha vendido alguns itens para pacientes, vizinhos, familiares, coisas que a gente fazia pra manter nosso grupo. Como nosso grupo é muito de doações e elas trazem bastante ideias do que a gente pode tá fazendo, algumas coisas tem um custo, então a gente começou a fazer algumas coisas pra vender pra poder arrecadar dinheiro pro próprio grupo e funcionou muito bem.

Perguntei também se ela já havia tido retorno das participantes do grupo a respeito de utilizar alguma das técnicas ensinadas para gerar renda, ela diz então que “[...] a geração de renda é muito importante pra muitas

pacientes, mas tem muitas também que não tem aquela habilidade para fazer uma técnica mais elaborada para venda, então a gente respeita essa dificuldade daquela paciente [...]"

Ela conta um pouco então sobre a relação entre as participantes

Elas criam um vínculo bem forte de se visitar durante a semana uma na casa da outra, de combinarem o que vão trazer no grupo para dividirem, algo pra comer, então elas fazem muitos acordos entre elas, no dia elas comunicam nós: "ah, a gente reuniu e vai fazer isso". E isso é muito bom, isso faz com que o grupo não seja liderado por uma pessoa e sim por várias pessoas, tem o interesse de todas, e de deixar aquele ambiente mais agradável, mais unido, mais harmônico.

Ela finaliza nossa conversa dizendo que o grupo é muito importante para essas mulheres e que quando não tem reunião elas ficam decepcionadas, "[...] o grupo é muito importante para elas, quando não tem, ou tem algum evento que acontece que a gente tem que cancelar o grupo, elas ficam muito chateadas porque elas querem estar naquele espaço ali, aquela troca ali para elas é muito importante".

Considerando que "os grupos com o objetivo de socializar em geral podem ajudar pessoas que tiveram algum episódio de perda e que interromperam seus vínculos sociais" (Dias; Silveira; Witt, 2009, p. 223), e que muitas das mulheres que participam do grupo de artesanato, durante a pandemia perderam um pouco da socialização. O grupo, sendo ofertado em um espaço seguro de cuidado, perto de suas casas, onde elas podem conversar, tomar café, rir e aprender uma técnica de artesanato, as auxilia a retornar à sociabilidade de forma mais tranquila. O grupo constitui uma importante forma de cuidado, tanto pela sociabilidade em si, quanto pela presença das ACS, elas podem ajudar com questões específicas de saúde ou podem perceber questões durante as conversas, a socialização acaba sendo também um tipo de cuidado de cunho mais psicossocial. Cavalcante *et al.* (2016, p. 1978) colocam ainda que "Os grupos contribuem para a melhoria do autocuidado do indivíduo, como expressão de sua autonomia e como ferramenta do cuidado."

No dia 14 de outubro de 2022, fomos ao grupo de artesanato. Na ocasião pudemos conversar um pouco mais com algumas participantes, pois neste dia o grupo estava defasado, acabei gravando até certo momento a conversa com Lúcia, uma moradora do bairro que participava do grupo antes da pandemia, ela é bem ativa na comunidade. Lúcia mora no bairro Feitoria há quatro anos, ela mora com seu marido e tem quatro filhos já

adultos. Ela conta que antes de morar em São Leopoldo, ela morava no município de Porto Alegre, no bairro Partenon, em uma área periférica, ela explica que lá era bem ativa, que participava de diversos movimentos e atividades para ajudar a comunidade.

Tinha relação com o povo do posto (de saúde), lá em Porto Alegre eu participava, lá o grupo era das adolescentes gestantes, daí eu ensinava a fazer sapatinhos de bebê. Ajudava no Fome Zero, lá tinha um núcleo do Fome Zero. Tinha uma cooperativa de artesanato que era só de reciclagem, de garrafa pet a gente fazia samambaia, a gente fazia pés de banana com o coração, violeta, tudo com garrafa pet. Depois a gente começou a trabalhar só com lacre de latinha, a gente fazia bolsa, fazia roupa, capa de botijão de gás. Tudo isso a gente fazia lá com o pessoal do posto também.

Ela já era ativa na comunidade e continuou sendo ativa quando foi morar em outra cidade, ela e seu marido possuem uma lanchonete e conhecem bastante gente. Ela se interessa muito por artesanato, então além de conhecer muitas pessoas na comunidade é bem ativa no grupo de artesanato presente na UBS. Ela participa do grupo desde seu início

Antes da pandemia eu participava também. Hoje eu ia trazer pra Márcia ver, uns coraçõezinhos que a gente fez de EVA, pro dia dos namorados, que tu pode colocar calcinhas, bombons... Hoje mesmo, eu fui pegar um pedaço de EVA e achei lá, eu aprendi aqui no posto. Aprendi a fazer bolsas de sombrinha, tenho uma que tá lá guardada quando chove eu carrego ela. Aprendi bastante coisa. Eu gosto de artesanato, amo, amo, amo, amo inventar artesanato, amo estar na volta do artesanato.

Para essa usuária o artesanato é extremamente importante e faz parte de sua vida há muito anos, ela como uma pessoa ativa na comunidade desde sempre, viu no artesanato uma forma de agregar no enfrentamento às desigualdades do local onde morava. E agora, neste novo local, ainda continua ativa. Ela tem outros tipos de ação na comunidade atualmente.

Lúcia mora em uma esquina da avenida onde é a UBS, em frente a um muro da escola que fica localizada na quadra atrás. Na calçada da escola, na avenida em frente ao muro, as pessoas costumam descartar uma grande quantidade de lixo e entulhos. Lúcia, cansada desta situação, foi atrás de informações e descobriu que apesar da escola ser estadual, a calça-

da é municipal, é de responsabilidade da prefeitura de São Leopoldo realizar a limpeza do local, mas a prefeitura não estava realizando esta limpeza. Então Lúcia limpou o local, primeiramente sozinha, depois com a ajuda dos filhos e de alguns vizinhos. Eles tentam manter o local sempre limpo e fiscalizam para ver se mais alguém vai descartar lixo ali. Ela contou um pouco mais dessa experiência durante nossa conversa.

Limpei [o espaço] pra comunidade. Nós estávamos até pensando em botar uma churrasqueira comunitária ali, final de semana os guris fazem o churrasquinho deles, tocam o pagodinho deles, ouvem as musiquinhas deles. Mas não sei se pode, porque o muro é da escola, só que a escola é estadual, a calçada é municipal, então é obrigação da prefeitura limpar a calçada, mas isso não tinha. Até isso investiguei aqui em São Leopoldo. Daí “ai porque a escola é estadual”, mas e a calçada? “A calçada é municipal”, então cadê a prefeitura? [...] O meu genro tem 37 anos e ele estudou no Haydee, 37 anos e sempre lixo ali, agora chega uma senhorinha lá do outro lado e muda, sem querer mudei. Daí fiz, um vizinho mais daqui de baixo ajudou, meu filho veio de Porto Alegre pra ajudar, outro vizinho ajudou. Daí agora a gente só cuida né, vou tirar agora aqueles pneus dali pra ficar mais limpo.

Torrallba Roselló (2009, p. 120) diz que a ação de cuidar pode ser relacionada também à natureza, aos artefatos e aos animais, considerando isso, podemos dizer que Lúcia, ao limpar esse espaço para uso comum do bairro, está desenvolvendo outro tipo de cuidado para além do cuidado relacionado aos humanos, ela está desenvolvendo um cuidado com o meio ambiente, com o local, e proporcionando assim um espaço limpo para as pessoas circularem. A conversa com Lúcia foi curta, mas foi bem proveitosa.

Outro ponto que foi notado durante as participações no grupo, e durante as conversas, foi que a interação entre as participantes é muito forte, elas criaram uma relação de amizade muito boa. Notamos que Lúcia tem uma relação forte de amizade com outra participante que chamarei aqui de Beatriz. Lúcia e Beatriz se visitam quase todos os dias, tomam café juntas, almoçam juntas ou tomam chimarrão, durante a participação no grupo do dia 14 de outubro de 2022, pudemos notar elas conversando. Lúcia diz “ontem no café de manhã eu fritei algumas linguças com cebola para colocar no pão e fiz um bolo”, e Beatriz diz “eu sei, tu me falou isso ontem, quando eu fui te ver”, e Lúcia complementa nos olhando “a gente

se vê quase todo dia”. As duas demonstram ser muito simpáticas e falantes. Elas também têm uma relação muito boa com Joana, a nossa primeira entrevistada. Durante as conversas desse mesmo dia, onde Joana não estava presente, elas contaram que Joana sempre manda mensagem ou liga para as outras participantes do grupo para contar algo, ou somente para conversar já que ela fica muito sozinha, pois seu marido trabalha. Considerando tudo que foi dito anteriormente sobre Joana, essa interação e relação de amizade com as outras participantes pode ser algo que a ajude com seus traumas, algo que faça ela se sentir querida e que a faça perceber que há pessoas em quem ela pode confiar.

Essas relações formadas durante a participação do grupo podem ser consideradas como sendo o objetivo principal do grupo de artesanato. Pois Márcia, a Agente Comunitária de Saúde entrevistada, diz que o grupo de artesanato, antes de ser um grupo de artesanato, é um grupo de convivência. Torralba Roselló (2009, p. 65) diz ainda que “Toda pessoa, precisamente por ser pessoa, constitui-se e se realiza em íntima interação com outros seres humanos e cria com eles sociedade, ou seja, polis, comunidade, comunhão de vida”.

Com base em tudo isso, podemos dizer então que é natural do ser humano ser social, ser sociável e viver em comunidade, podemos também dizer que a socialização proposta pelo grupo de artesanato da UBS Cohab Feitoria é mais uma maneira de fazer com que essas mulheres estejam inseridas na sociedade, já que muitas delas são donas de casa e não saem muito, essa socialização dentro do grupo faz elas se sentirem bem, ajuda com questões psicossociais e ainda faz com que elas criem laços de amizade e companheirismo umas com as outras.

Retomando algumas questões que vieram à mente desde o momento em que escolhi fazer este recorte: As práticas grupais da UBS Cohab Feitoria são úteis na vida dos participantes? Isso faz com que eles busquem por cuidado, em suas diferentes definições e em diferentes locais? Os participantes criam relações entre eles e com os profissionais da eSF? Qual o papel do gênero nisso tudo?

Podemos começar a responder as questões dizendo que sim, as práticas grupais são úteis na vida dos participantes, mas podemos perceber que não são OS participantes, e sim AS participantes, ao elaborar as perguntas no início da pesquisa eu imaginei que haveria homens envolvidos também, porém, me deparei com grupos majoritariamente femininos, com mulheres de diferentes idades, que passaram por diversas situações durante suas vidas. E qual seria então o papel do gênero nesta situação? Em minha primeira inserção no campo da UBS Cohab Feitoria, nós realizamos uma entrevista com o enfermeiro da unidade, Cássio, onde ele diz que

Culturalmente, a mulher procura muito mais a questão de acesso à saúde, à assistência, à prevenção e promoção da saúde do que o homem, isso já é cultural, o homem é muito mais, vamos supor, vamos dizer... desleixado não é palavra certa... mas ele parece que se preocupa menos com a sua saúde. Então, realmente, tem uma procura maior de mulheres do que homens, isso é bem claro. Mas não é que não tenha, a gente tem um público idoso muito grande que é bem variado até. Mas no geral, com certeza é mais o público feminino que procura.

E sobre as práticas grupais ele diz que “não tem uma grande adesão de homens, pra não dizer zero adesão”, em certo momento da entrevista ele diz que a falta de procura dos homens pelos grupos e pela eSF no geral, além de ser cultural como ele pontuou na fala já citada, se dá devido aos horários que os grupos são ofertados, o grupo de caminhada poderia ser procurado por homens, mas ele ocorre às 8h30 da manhã em uma quarta-feira, o grupo de artesanato não é muito interessante para o público masculino, e ocorre às 14h da tarde de uma sexta-feira, e a UBS funciona das 8h às 17h, de segunda a sexta-feira, estes são horários onde os homens normalmente trabalham. As mulheres que participam são donas de casa, aposentadas ou autônomas, como essas mulheres ficam mais em casa, os horários da UBS e dos grupos não interferem muito no seu dia a dia.

Os grupos fazem então com que essas mulheres busquem por cuidado ou vivenciem o cuidado em suas diferentes formas? Sim, como vimos em relação à Joana, ela busca espaços onde ela possa se sentir segura e acolhida, para além da UBS, ela também frequenta a igreja, onde ela diz que se sente bem, pois quando não vai sentem a falta dela. Já Lúcia, vivencia na forma de cuidado com o ambiente e com a comunidade ao criar um espaço comum e limpo onde as pessoas possam transitar, ela também busca o autocuidado, mantendo seus exames em dia e participando ativamente do grupo de artesanato. Márcia, a ACS e, para além de sua profissão, vivencia o cuidado oferecendo esse espaço de convivência seguro, que é o grupo, para as participantes.

Elas criam relações? Sim, elas criam relações fortes, tanto entre elas quanto com os profissionais da eSF. Vale aqui ressaltar que a maioria dos Agentes Comunitários de Saúde da eSF são mulheres, bem como elas também participam do grupo de artesanato, mas não como organizadoras, e sim como participantes. Então as relações entre as usuárias e as ACS se fortalecem na medida em que elas convivem neste grupo. Como vimos em relação à Lúcia, Beatriz e Joana, o vínculo criado é forte, elas são vizinhas

de bairro, elas interagem no grupo e fora dele, elas criam uma parceria e uma amizade que vai para além da estrutura da UBS e do grupo.

Considerações finais

Para finalizar, podemos concluir então que as práticas grupais presentes na Atenção Básica são de extrema importância, para auxiliar nas mais diversas questões, tanto da saúde física quanto mental, bem como proporcionam bem estar e criam relações de amizade e companheirismo entre as participantes, essas práticas também podem agregar conhecimento, e fazer com que as pessoas vivenciem o cuidado em suas diferentes formas.

Essas práticas devem ser pensadas para serem inseridas em mais eSFs do município, bem como devem ser evidenciadas para que outros municípios que ainda não conheçam essa abordagem possam pensar em aderi-la para que cada vez mais pessoas tenham a oportunidade de vivenciar o cuidado que esses grupos proporcionam.

Uma questão limitante que vale destacar é que os grupos não estão dando conta, por exemplo, de uma demanda que parece não ser ouvida de Joana (e que podemos extrapolar para outras situações que aparecem com bastante frequência na AB), que é o trabalho relacionado diretamente com a violência de gênero. Tanto pela própria história de Joana, quanto por outros casos que emergiram em relatos das e dos trabalhadores da ESF, a violência de gênero (especificamente, a violência contra as mulheres) parece ser processada de maneira individual com cada mulher e não chega a se constituir em eixo central de uma prática grupal.

Outra questão que podemos ressaltar é a baixa procura dos homens pelos grupos e de modo geral pelos cuidados produzidos na eSF. Precisam-se desenvolver estratégias para atrair os homens para esses cuidados, inclusive para refletir sobre violência de gênero que muitas vezes os atinge, seja como vítimas, por exemplo, das violências do tráfico que são praticadas entre homens, ou como produtores de violência contra as mulheres.

Referências

- BRASIL. Presidência da República. *Lei n.º 11.340, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha*. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria n.º 2.436, de 21 de setembro de 2017*. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Série E. Legislação em Saúde).
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. *Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH)*, Brasília/DF, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/ouvidoria-nacional-de-direitos-humanos-ondh>. Acesso em: 27 mar. 2024.
- CAVALCANTE, Viviane Oliveira Mendes *et al.* Abordagem grupal na Estratégia Saúde da Família. *Revista Tendências da Enfermagem Profissional – ReTEP*, v. 8, n. 3, p. 1974-1979, 2016.
- CONNELL, Raewyn. Questões de gênero e justiça social. Século XXI. *Revista de Ciências Sociais*, v. 4. n. 2, p. 11-34, jan./jun. 2014.
- CONTATORE, Octávio Augusto; MALFITANO, Ana Paula Serrata; BARROS, Nelson Filice de. Por uma sociologia do cuidado: reflexões para além do campo da Saúde. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, e0017507, 2019.
- DIAS, Valesca Pastore; SILVEIRA, Denise Tolfo; WITT, Regina Rigatto. Educação em Saúde: o trabalho de grupos em atenção primária. *Revista Atenção Primária à Saúde*, v. 12, n.2, p. 221-227, abr./jun. 2009.
- ESQUIVEL, Valéria. *La Economía del Cuidado en América Latina*: poniendo a los cuidados en el centro de la agenda. São Salvador, El Salvador: PNUD, out. 2011. (Série Atando cabos, deshaciendo nudos). Disponível em: https://www.americalatinagenera.org/es/documentos/Atando_Cabos.pdf. Acesso em: 27 mar. 2024.

- GAUT, Dolores Ann. Development of a theoretically adequate description of caring. *Western Journal of Nursing Research*, v. 5, n. 4, p. 313-324, 1983.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo; HIRATA, Helena Sumiko. *O gênero do cuidado: desigualdades, significações e identidades*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.
- HIRIGOYEN, Marie-France. *A violência no casal: da coação psicológica à agressão física*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO (DATASENADO), *Violência doméstica e familiar contra a mulher*, 2017. Brasília, DF: 2017.
- MARTINEAU, Harriet. *Society in America, vol. I*. Londres: Saunders and Otley, 1839.
- MATHIEU, Nicole-Claude. Quand céder n'est pas consentir. Des déterminants matériels et psychiques de la conscience dominée des femmes, et des quelques-unes de leurs interprétations en ethnologie. In: MATHIEU, Nicole-Claude (org.). *L'arraisonnement des femmes*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1985. p. 169-245.
- NECCHI, Vitor. Desigualdade: um outro nome para a violência de gênero, entrevista com Patrícia Krieger Grossi. *IHU on-line*, São Leopoldo/RS, ano XVIII, n. 518, p. 60-63, 2018.
- NIEVES-RICO, Maria; ROBLES, Claudia. *Políticas de cuidado en América Latina: forjando la igualdad*. Chile: CEPAL, 2016.
- OSÓRIO, Luis Carlos. *Psicologia grupal: uma nova disciplina para o advento de uma era*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- OSÓRIO, Luiz Carlos *et al.* *Grupos: teorias e práticas*. Acessando a era da grupalidade. Porto Alegre: Artes médicas, 2000.
- SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SORJ, Bila. Estudos sobre o cuidado na sociologia: a contribuição de Nadya Araujo Guimaraes e Helena Hirata. *Sociologia e Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 1089-1097, set./dez. 2021.
- TORRALBA ROSELLÓ, Francesc. *Antropologia do Cuidar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- WALDOW, Vera Regina. Cuidado: uma revisão teórica. *Rev. Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 29-35, jul. 1992.